

O SOCIALISMO: Entre o Passado e o Futuro ou um Socialismo a Reinventar

SOCIALISM : Between Past
and Future or Socialism one Reinvent

Marcos Antonio da Silva¹

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.” (Karl Marx, O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte)

“Nós que queríamos preparar o terreno para a bondade, não podíamos ser bondosos.” (B. Brecht)

“Um de nossos maiores enganos ao princípio, e muitas vezes repetidos ao longo da Revolução, foi o de acreditarmos que alguém sabia como se construía o socialismo.” (Fidel Castro, 2005)

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise do ideário socialista no século XX e um balanço das experiências socialistas. Para tanto, partindo da experiência soviética como referência fundamental, procura apontar que os problemas políticos e econômicos no desenvolvimento socialista foram determinantes para sua derrocada, devido a causas domésticas e internacionais, e afetaram, não definitivamente, o ideário socialista que perdeu sua capacidade de atração e viabilidade. Embora os valores socialistas permaneçam atuais, constatamos a ausência de um projeto político atraente e viável que possa implementá-los.

Palavras-chaves: Socialismo. Projeto Político. Hegemonia.

ABSTRACT

This paper conducts an analysis of socialist ideology in the twentieth century and a swing of socialist experiments. Therefore, from the Soviet experience as a fundamental reference, seeks to highlight the political and economic problems in socialist development were crucial to his

¹UFGD. Contato: marocam@terra.com.br

downfall, due to domestic and international causes, and affected not definitely the socialist ideology that has lost its attractiveness and viability. Although socialist values remain current, we note the absence of an attractive and viable political project that can implement them.

Keywords: Socialism. Political Project. Hegemony.

INTRODUÇÃO

O século XX se anunciava como o século do socialismo, mas terminou com o aprofundamento do capitalismo. O socialismo, mesmo na versão do comunismo soviético, caracterizou-se como a ideologia e a experiência igualitária do século XX, que confrontou, pela primeira vez, o modo de produção capitalista de uma forma global e como modelo alternativo. A queda do Muro de Berlim (1989), a sequência de mudanças nos governos comunistas do Leste Europeu e o esfacelamento da URSS (1992) tiveram um impacto profundo na história mundial e atingiram toda a humanidade, além de imporem novos desafios ao pensamento e à prática socialista.

Acerca disso, o socialismo só poderá ser revigorado se for realizado um balanço profundo da teoria e da prática socialista, que, no entanto, ainda não foi realizado. Como aponta Harnecker em relação à esquerda latino-americana e que pode ser estendido à esquerda mundial:

[...] Em segundo lugar, ela não foi capaz de realizar um estudo rigoroso das experiências socialistas- tanto dos êxitos como dos seus fracassos-, e isto tem em parte a ver com a escassa ou nula divulgação científica que delas se fez; e também não realizou uma análise séria das causas das derrotas. (HARNECKER, 2000, p. 320).

Se sério e rigoroso, o referido balanço deve enfrentar, entre outras, algumas questões já mencionadas na citação anterior, a saber: Quais foram os êxitos de tais experiências ou o que deu certo nas experiências socialistas? Considerando o desenlace de tais experiências, o que não funcionou adequadamente ou, simplesmente, o que deu errado? Quais suas causas? Como evitá-las? Em suma, por que o projeto socialista deixou de ser atraente e viável?

Dessa forma, qualquer projeto socialista deve, entre outros aspectos, considerar a tradição e o contexto local e internacional no qual está inserido e que, certamente, determinará boa parte dos arranjos políticos e econômicos, das opções e dos dilemas de tal construção. Além disso, a construção do socialismo, sob determinadas condições, pertence ao campo da disputa política e deve ser inserida nessa dinâmica que, certamente, submete-se à lógica do poder e de seus riscos. Nesse sentido, por mais que inúmeros teóricos tenham se debruçado sob o tema da revolução e da transição socialista, as experiências do século XX parecem comprovar o peso

da tradição, já mencionado, e a possibilidade de desenvolvimento de diversas estratégias, tema caro a este início de século.

As reações imediatas ao fim da experiência do socialismo real podem ser agrupadas em dois polos opostos os quais, segundo nossa análise, são insuficientes e limitados. Em um primeiro polo, estão aqueles para quem tal acontecimento foi resultado, basicamente, das distorções específicas daqueles regimes, as quais foram aproveitadas pela ideologia burguesa/capitalista e que seriam suficientemente explicadas pela tradição marxista no seu formato clássico, conduzindo, no limite, a reposição do dogmatismo, provavelmente dos mesmos erros, e uma visão pessimista sobre o futuro. No segundo polo, estão aqueles que apontam que o fim do socialismo real representou a vitória definitiva do modelo liberal, cuja tese mais conhecida, desenvolvida por F. Fukuyama (1992) no calor dos fatos, assinalava o Fim da História e o início de uma era de paz e prosperidade. Por ser demasiada otimista, a realidade não tardou a questioná-la, devido às crises e à retomada das mobilizações por justiça social e por igualdade, em diferentes formatos e em diversos cantos do planeta. Esses dois polos, apesar de apontarem questões relevantes, são insuficientes para captar a natureza e o sentido de tais mudanças como também não conduzem a um balanço equilibrado.

Dessa forma, este trabalho procura desenvolver uma nova perspectiva, ou seja, realizar um balanço adequado, crítico e realista, do socialismo que reconhece os limites das experiências do século XX, embora não os considere definitivos e, muito menos, que o socialismo não possa renascer. Pois, como afirma Gramsci (2010, p. 436):

La discusión científica: ...Comprender y valorar con realismo las posiciones y razones del adversario (y a veces es adversario todo el pensamiento del pasado) significa precisamente haberse liberado de la prisión de las ideologías (en sentido peyorativo de ciego fanatismo ideológico), o sea, situarse en un punto de vista “crítico”, que es el único fecundo en la investigación científica.

Nesse sentido, uma análise crítica deve considerar que o projeto socialista no século XX perdeu sua viabilidade e seu poder de atração, o que estaria no cerne de sua derrocada. Sendo assim, qualquer renascimento depende de uma análise profunda e franca, a qual iremos apenas esboçar, considerando os erros e os acertos, e de uma atualização do projeto socialista para este novo século a qual recupere sua viabilidade, política e econômica como também sua capacidade de atração enquanto ideologia. Ou como afirma Blackburn (1993, p. 107):

Contudo, é talvez possível um novo começo, a partir de um socialismo disposto a enfrentar a história e empenhar-se numa crítica mais acurada do projeto socialista. Ainda existem movimentos anticapitalistas expressivos, alguns deles

influenciados pela tradição comunista. Mas falta-lhes um programa capaz de nos levar a superar o capitalismo. Sobrevivem regimes que se autodenominam comunistas ou socialistas; mas apesar das realizações que lhes podem ser atribuídas (como, por exemplo, o que foi feito em Cuba nas áreas de educação e saúde), é fora de dúvida que também esses regimes precisam ser renovados e reorientados de modo mais completo, que vise não apenas a criar uma cultura e organização política mais genuinamente democráticas, como também a descortinar um modelo econômico novo e viável.

Para tanto, este trabalho está organizado da seguinte forma: a seguir, discutimos brevemente os conceitos de ideologia política e de hegemonia procurando demonstrar que ambos nos conduzem a constatação de que para qualquer projeto político predominar, é necessário que seja atraente e viável. Em seguida, realizamos um balanço geral provisório sobre o socialismo no século XX, tomando como base o socialismo soviético que, embora não esgote a diversidade de tais experiências, constitui-se, sem dúvida, como referência fundamental pela sua importância e dimensão. Finalmente, destacamos as implicações teórica, política e econômica de tais experiências e desenvolvemos nossas considerações finais buscando apontar que o futuro do socialismo depende da retomada de seu poder de atração e de viabilidade, o que implica em uma reconstrução teórica e política adaptada à realidade deste novo século.

PROJETOS POLÍTICOS E IDEOLOGIAS: REVISITANDO UM VELHO PROBLEMA

Todo projeto político se traduz numa disputa de poder e se submete a dinâmica da política. Para tanto, emerge de concepções que procuram explicar a realidade social e construir mecanismos de intervenção que possam conduzir a efetivação de tal projeto e de seus ideais. Dessa forma, todo projeto político se traduz em: a) crítica da realidade e construção dos ideais que possam intervir (e modificar) tal realidade; b) mobilização de simpatizantes e desenvolvimento de luta política, que assinala contra o que e quem se realiza a ação política na tentativa de alcançar o poder para implementá-la. Desse modo, diferente de outras ideologias, as ideologias políticas incitam a ação urgente, definindo as classes em conflito (Marx) ou estabelecendo a relação amigo-inimigo, na distinção clássica de Schmitt. No marxismo, uma das formulações mais elaboradas dessa dinâmica política encontra-se em Gramsci, sob a égide do conceito de hegemonia, que explicita as diversas formas da luta política, dependendo do contexto.

Todo projeto político para ser implementado necessita se tornar atraente e viável, se quiser tornar-se hegemônico. Nesse sentido, ao conferir uma explicação coerente sobre a

realidade e desenvolver os meios para uma intervenção nela, tal projeto permite às pessoas se autoidentificarem com essas causas e ideais políticos, construindo lideranças e seguidores que passam a defender tal causa e podem ver nela as razões de sua vida. Mas, além de atraente, qualquer projeto necessita demonstrar que a realidade atual será superada por uma realidade melhor, ou seja, apontar para a construção de vida melhor em suas múltiplas dimensões. Isso permite desenvolver uma possibilidade de comparação entre um modelo e outro, e, assim, estimular seu poder de atração e comprovar sua viabilidade enquanto projeto histórico que pode ser construído parcial ou integralmente.

O advento da modernidade e de seus diversos componentes ocorreu a partir dessa construção/desconstrução do passado feudal, percebido de forma visível em dois campos. No campo da filosofia política, os autores clássicos (Maquiavel, Hobbes, Locke e Rousseau, apenas para citar os mais reconhecidos) contribuíram para a construção de um arcabouço político que, apesar de tenso, ao fundamentar o poder político (Estado) e as relações entre governantes e governados estabelece um arranjo que conseguiu angariar apoios e se demonstrar melhor que aquele existente na sociedade feudal. Ainda na economia, a emergência do capitalismo está associada a um conjunto de ideias e valores, mas também a uma constatação de que poderia prover um melhor arranjo para o desenvolvimento econômico. Assim, o advento da vida moderna e dos ideais políticos a ela associados, principalmente o liberalismo político e econômico, demonstra que todo ideal necessita, para se tornar hegemônico, do poder de atração e de viabilidade (BOBBIO, 2000; CARNOY, 1986).

Dessa forma, as ideologias políticas, como aponta Srour (1987, p. 252-253):

Unificam os semelhantes e excluem os demais; proporcionam metas comuns e encoraja quem as professa a intervir na realidade social; infudem solidariedade e mobilizam energias; racionalizam interesses mas falam as emoções ao mexer fundo nas raízes de cada um. Por que enunciam o que tem valor e o que deixa de tê-lo; dizem quem são os inimigos e por que enfrenta-los; delimitam o que se deve manter e o que se deve mudar. São credos que funcionam como referencias para pensar o mundo e as posições que cada agente coletivo ocupa.

Como podemos observar, uma ideologia funciona como referencial básico para a ação política, estabelecendo um projeto político associado à manutenção ou à mudança como objetivo fundamental. Para isso, delimita o cenário de luta política e as formas de conquista do poder para a realização de seus ideais, marcando as posições dos atores envolvidos e, em suma, estabelecendo o horizonte que orienta e anima a ação política.

Nesse sentido, a noção gramsciana de hegemonia torna-se relevante, pois demonstra como todo projeto político fundamenta-se na capacidade de atração (quanto mais ampla, mais forte politicamente) e na viabilidade para instaurar uma nova ordem social, política e econômica.

Na tradição marxista, hegemonia esteve associada a duas noções opostas: ora expressa domínio no sentido da força, ora expressa liderança, o que combina consentimento à força e à ampliação da luta política para a sociedade civil (BOTTOMORE, 1988). A primeira relaciona-se, em grande medida, ao pensamento leninista, enquanto a segunda, à abordagem gramsciana (PORTELLI, 1977). Dessa forma:

O conceito gramscista de hegemonia está, pois, bastante próximo do de Lenin. Entretanto ambos divergem em um ponto capital: a preeminência da direção cultural e ideológica. Lenin, em seus escritos sobre hegemonia, insiste sobre seu aspecto puramente político: o problema essencial para ele é a derrubada, pela violência, do aparelho de Estado: a sociedade política é o objetivo e, para atingi-lo, um prévia hegemonia política é necessária porque a sociedade política é a mais importante, em suas preocupações estratégicas, do que a civil; assim desta ele só retém o aspecto político. [...] Gramsci, ao contrário, situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado (sociedade civil mais sociedade política). A hegemonia gramscista é a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política. (PORTELLI, 1977, p. 65).

Portanto, se para Lenin o exercício do poder relaciona-se fundamentalmente à força, em Gramsci, podemos encontrar uma noção mais elaborada e complexa que envolve um projeto político capaz de atrair e solucionar os problemas da vida cotidiana de maneira mais eficaz que seu concorrente fundamentado numa direção cultural e ideológica. Desse modo, a construção hegemônica começa no âmbito da sociedade e se estende ao conjunto do Estado, fomentando um projeto político, econômico e social capaz de organizar a sociedade, atraindo adeptos e propiciando que um grupo torne-se a classe dirigente.

Sendo assim, podemos compreender que:

[...] a hegemonia é uma relação ativa, cambiante, evidenciando os conflitos sociais, os modos de pensar e agir que se expressam na vivência política; conforme se desenvolvem e se inter-relacionam as forças em luta, tem-se o fortalecimento das relações de domínio, o equilíbrio entre a coerção e consenso ou a ampliação da participação política e da organização da sociedade civil (SCHLESENER, 1992, p. 19).

Logo, é possível perceber que a hegemonia recupera e amplia certos traços da ideologia, como apontamos anteriormente, e atua de forma dinâmica (característica fundamental da política) possibilitando a direção política de um grupo em torno da dialética coerção-consenso em relação a toda a sociedade². Isso faz com que a conquista e o exercício do poder político, em suma, propicie que a supremacia de um projeto político seja resultado de seu poder de atração, em diversos planos, mas também na sua capacidade de reorganizar a sociedade sobre novas bases que tenham viabilidade. Daí que no pensamento gramsciano, a noção de hegemonia relaciona-se à análise do bloco histórico³, à noção de Estado ampliado e do partido, à importância da cultura (e dos intelectuais) na sociedade moderna e, principalmente, à reciprocidade e organicidade entre o econômico-social e o político-ideológico como elementos fundamentais para a construção de um projeto hegemônico (PORTELLI, 1977; SCHLESENER, 1992).

Finalmente, a capacidade de se tornar atraente e viável, que destacamos como necessárias a todo projeto político, relaciona-se à noção de hegemonia, pois “a formação de uma vontade coletiva que se entrelaça com a reforma intelectual e moral; a renovação econômica, social e política articula-se com a criação de novo modo de pensar e agir; a hegemonia assume um aspecto político e cultural” (SCHLESENER: 1992, p. 94).

O MODELO SOVIÉTICO E OS TORTUOSOS CAMINHOS DO SOCIALISMO NO SÉCULO XX

A Revolução Russa e o socialismo soviético representaram, apesar dos inúmeros debates sobre a natureza do regime, a face mais visível do ideal socialista no século XX⁴. Mesmo considerando o imenso debate sobre a natureza do regime soviético (HADDAD, 1992; REIS FILHO, 1997), observamos que, para fins do debate teórico (e político), a URSS representou o cerne do ideário socialista do século XX. Em torno dela, girou a disputa (política, ideológica e

²Como aponta Gramsci, citado por Schlesener: “A supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras: como domínio e como direção intelectual e moral. Um grupo social é dominante dos grupos adversários que tende a liquidar ou a submeter também com a força armada, e é dirigente dos grupos afins ou aliados” (SCHLESENER, 1992, p. 19).

³Desse modo, como aponta Bottomore: “Nas condições modernas, argumenta Gramsci, uma classe mantém seu domínio não simplesmente através de uma organização específica da força, mas por ser capaz de ir além de seus interesses corporativos estreitos, exercendo uma liderança moral e intelectual e fazendo concessões, dentro de certos limites, a uma variedade de aliados unificados num bloco social de forças que Gramsci chama de bloco histórico. Este bloco representa uma base de consentimento para uma certa ordem social, na qual a hegemonia de uma classe dominante é criada e recriada numa teia de instituições, relações sociais e ideias” (BOTTOMORE, 1988, p. 177).

⁴Em linhas gerais, podemos situar tal debate sobre a natureza do regime soviético em dois grandes blocos: os que apontam que a URSS era uma sociedade sem classes, cuja chave explicativa estaria relacionada ao Socialismo/Comunismo (marxismo ortodoxo com inúmeros representantes), Estado Operário Degenerado (Trotsky, Deustcher, Mandel, entre outros) ou Protosocialismo (Bahro); de outro, os que apontam uma sociedade de classe, representados pelos conceitos de Modo Asiático de Produção (Witfogel e Melloti), Coletivismo Burocrático (Lefort, Castoriadis, Marcuse e Dillas), Tecnocracia (Burham e Galbraith), Classe Intelectual (Konrad e Szelényi) e Capitalismo de Estado (Cliff e Bettelheim) (HADDAD, 1992).

econômica) com o capitalismo e sua condição de potência global tornou-a a face mais visível do socialismo, embora não esgotando seus elementos.

Dessa forma, qualquer reflexão sobre o futuro do socialismo, além do retorno e da atualização dos clássicos, deve realizar um balanço exaustivo sobre os avanços e, principalmente, sobre as razões da falência desse modelo. Certamente, os aspectos relativos à história russa (a tradição) e os condicionantes do contexto internacional como também a interpretação leninista da teoria de Marx são fatores importantes para a compreensão do socialismo soviético, mas não suficientes. Sendo assim, mesmo considerando a imensa bibliografia sobre o tema, dentro dos marcos deste trabalho, podemos considerar que a compreensão dessa experiência deve levar em consideração, fundamentalmente, a interação entre os fatores domésticos e internacionais. Sabendo-se que o esgotamento do modelo soviético afetou diretamente a viabilidade e o poder de atração do ideário socialista (HARNECKER, 2000).

No que se refere à dimensão interna, sem a pretensão de esgotar o tema que é tratado por vasta literatura, o colapso da URSS demonstrou a imensa dificuldade de construção do socialismo num país subdesenvolvido, política e economicamente. Desde a vitória da Revolução Bolchevique, e ainda nos primeiros anos de tal experiência, tal problema era vislumbrado como possível. Por essa razão, compreende-se a famosa formulação de Gramsci de que “A revolução russa foi uma revolução contra O Capital” (livro de Marx), insinuando as dificuldades econômicas e políticas vindouras. Da mesma forma, Lênin reconhecia que “era mais fácil tomar o poder numa sociedade como a russa, mas muito mais difícil a construção do socialismo”. Por fim, tal perspectiva foi percebida por Rosa Luxemburgo que, em um famoso texto, aponta:

A repressão da vida política em todo o país mutilará cada vez mais a vida nos soviets. Se não houver eleições gerais, se não houver irrestrita liberdade de imprensa e de reunião, se não houver um debate livre de opinião, deixará de haver vida em todas as instituições públicas; passa a haver um simulacro de vida, mantendo-se a burocracia como o único elemento vivo. A vida pública vai gradativamente adormecendo, a direção e o governo ficam nas mãos de uma meia dúzia de líderes partidários de inesgotável energia e experiência ilimitada. Na verdade, o comando cabe apenas a uns poucos chefes mais destacados, dentre aquela meia dúzia, e de tempos em tempos uma elite da classe operária é convidada para reuniões onde deve aplaudir os discursos dos líderes e aprovar por unanimidade as resoluções trata-se, então, fundamentalmente, de um negócio entre conhecidos; trata-se de uma ditadura, sem dúvida, mas não do proletariado, e sim de alguns políticos (ROSA LUXEMBURGO apud BLACKBURN, 1993, p. 135-136).

Se o momento fundante da república soviética⁵ já apresenta enormes desafios políticos e econômicos, para tornar viável e atraente tal experiência, o desenvolvimento posterior demonstra como eles permaneceram e determinaram o colapso.

Nesse sentido, é estimulante e perspicaz a análise desenvolvida por Maidanik (1998) para a compreensão da experiência soviética e de sua falência, já que o referido estudo, apesar de sintético, assinala três momentos cruciais, denominados de as “três mortes do socialismo russo”.

Partindo da constatação de que a “Idade de Ouro” do socialismo soviético ocorreu durante os anos de 1922 a 1927, tendo em vista que, nesse período, estiveram presentes os ideais de uma sociedade socialista, apesar do contexto internacional desfavorável, contribuindo para os mais importantes avanços na construção da sociedade socialista. No campo econômico, houve o aumento da produção e melhoria do nível de vida, ampliaram-se as conquistas sociais dos trabalhadores, desenvolveu-se o pluralismo na cultura, houve um florescimento da ciência e a melhoria das relações étnicas, entre outros elementos. Porém, foram se acumulando contradições no campo da política que serão fatais ao desenvolvimento posterior. Sob essa perspectiva, o sacrifício da democracia política pluralista, na sociedade e no partido, o aumento do aparelho de Estado, aliado às características particulares do Estado russo, herdado dos tempos do czarismo, e com a conseqüente expansão do burocratismo geraram uma lógica da revolução invertida (MAIDANIK, 1998).

Tal lógica começa a ganhar contornos mais nítidos em 1928 com a adoção de uma industrialização forçada, em prejuízo da NEP (Nova Política Econômica); com o monopólio do sistema supercentralizado, onipresente e onipotente; com a guerra de extermínio contra os camponeses e a pequena propriedade; com o fim definitivo da democracia interna no partido e na sociedade; com a abolição das conquistas e de instituições socialistas; e com o aumento da repressão, do subsistema do medo. Dessa forma, estava aberto o caminho para a Primeira Morte da Revolução, reforçada pelo advento do Stalinismo, baseado nos órgãos de repressão internos e na utilização de elementos específicos para a manutenção do poder⁶. Isso só foi possível devido a fatores nacionais que, paradoxalmente, haviam impulsionado a revolução, a exemplo

⁵Como afirma Hobsbawn: “O socialismo do tipo soviético era essencialmente dominado pelas condições nas quais os soviéticos se encontraram depois da Revolução de Outubro: um país pobre e incrivelmente atrasado, cuja única tradição política havia sido a autocracia, faltando-lhe todas as condições conhecidas para o socialismo, totalmente isolado e sob constante ameaça. [...] O bolchevismo tornou-se uma ideologia do rápido desenvolvimento econômico para países nos quais não existiam as condições para o desenvolvimento capitalista- e por algum tempo teve tanto êxito que se tornou um modelo para países do Terceiro Mundo (HOBSBAWN, 1993, p. 259).

⁶Trotsky, um dos grandes líderes da Revolução Russa exilado e morto por agentes stalinistas, denomina esse período como o Termidor soviético: “A pobreza e o atraso cultural das massas foram mais uma vez incorporados na figura sinistra do supervisor com um grande bastão nas mãos. De serviçal da sociedade, a burocracia, que era objeto de tantas pragas e lamentações, havia-se tornado novamente sua senhora. Durante este processo, a burocracia sofreu um tamanho grau de alheamento social e moral em relação as massas que ela não mais podia lhes permitir qualquer leve controle sobre suas ações ou seus rendimentos” (TROTSKY, 1980, p. 127).

da ausência de estruturas políticas pluralistas na história do país, da inércia da sociedade, da ameaça da guerra e do fascismo, além do medo da restauração. Esse quadro só foi se agravando entre 1947 e 1953, sob o manto do stalinismo⁷.

Com a morte de Stalin e a ascensão de Krushev, inicia-se um período de grandes esperanças, mas que não conseguiu reformar o sistema. Tal período, apesar da denúncia dos crimes do stalinismo – culto à personalidade, liberalização cultural e política, entre outros – manteve intactos os fundamentos do sistema herdado ao manter o poder e a propriedade nas mãos da burocracia, ao continuar apoiando e promovendo o desenvolvimento econômico centralizado e vertical como também por se caracterizar pela ausência da democracia, da participação no processo decisório e por evitar o pluralismo, mesmo no âmbito das alternativas socialistas. Em suma, manteve uma sociedade do Estado Total, que se mostrou funcional e compatível com a industrialização forçada, mas que não poderia responder aos novos desafios (MAIDANIK, 1998, p. 25-28).

Os anos da década de 60 representaram o esgotamento da segunda onda reformista – a de Krushev – e evidenciaram o esgotamento do modelo para promover o desenvolvimento e a competitividade, interna e com o mundo capitalista. Ainda nesse período, as dificuldades começaram a aflorar, a saber: queda do crescimento econômico, aumento do preço de produtos essenciais – carne e leite – e fragilidade do desenvolvimento agrícola, explicitado pela seca de 1962. Esses e outros fatores contribuíram para o fracasso do modelo baseado em quantidade – mais pessoas, mais tratores, mais usinas – e na mobilização política, pela consciência ou pelo medo os quais corroeriam o sistema. Naquele momento, a opção adotada foi prosseguir sem mudar⁸, porque os problemas não eram, ainda, percebidos por toda a sociedade, pela inexistência de mecanismos de desenvolvimento sustentado e pela força e enraizamento da burocracia, que dirige o estado e a sociedade. Ou seja, os interesses em defesa da monopropriedade e do monopoder, alicerçados no PCUS, do complexo industrial-militar e da velha burocracia, inviabilizavam mudanças mais profundas.

O resultado não foi apenas a perda de mais uma oportunidade de mudanças, mas o esgotamento de qualquer alternativa, o que levou o país e o socialismo soviético a uma lenta agonia interna. Os sinais disso são, hoje, evidentes: a queda na crença dos valores socialistas que representaram um aumento da corrupção e o crescimento de privilégios; o fim do crescimento

⁷Para uma análise deste processo ver, entre outros, a coleção *História do Marxismo* (Paz e Terra, 1987), organizada por Eric Hobsbawn, especialmente o volume 2, e o capítulo 1 “Os herdeiros do totalitarismo” do livro *A desintegração do Monólito*, de Boris Kagarlitsky (UNESP, 1993).

⁸O resultado do esgotamento dessa onda reformista foi que “Daí em diante, a população e a própria liderança formaram suas opiniões sobre o novo regime, não só com base na sua capacidade de assegurar a independência nacional do país, o poder defensivo e o status de grande potência, ou em sua habilidade para proporcionar a igualdade social prometida pela revolução, como também com base em seu sucesso ao garantir sucessivos incrementos de consumo” (KAGARLITSKY, 1993, p. 38).

econômico, que foi nulo a partir de 1975; o corte nos gastos sociais; o desenvolvimento de benefícios exemplificados no surgimento de uma propriedade pessoal e corporativa, que fornecia aos quadros do partido o acesso aos melhores bens e serviços. Em síntese, o pouco que havia de socialismo desapareceu definitivamente nessa longa agonia e representou o esgotamento das possibilidades de mudanças⁹.

A terceira e última morte se evidencia nos anos da década de 80. Nesse período, ocorre, de forma catastrófica para o sistema, uma nova e definitiva tentativa de reforma, desde cima. Duas ideias sintetizam o projeto levado a cabo por Gorbachev, a Perestroika e a Glasnost. A primeira se refere à tentativa de reformar e redefinir as prioridades do desenvolvimento econômico e da política industrial soviética em prol do fortalecimento das áreas de ponta e da introdução de limitados mecanismos de mercado que poderiam contribuir para a superação da estagnação e da autonomia do complexo industrial soviético. A segunda se refere às mudanças de gestão política e ideológicas em prol de uma maior transparência que deveriam promover o pluralismo, a democratização e a liberdade. Tratava-se de uma reforma controlada desde cima e que, ao incorporar ou atingir as forças sociais, adquiriu uma dinâmica própria (MAIDANIK, 1998, p. 30-35).

Por que essa onda reformista falhou? Segundo Maidanik, diversos fatores podem ser apontados. Em primeiro lugar, por subestimar os problemas, maiores e mais profundos do que imaginavam os reformistas. Isto é, tentar reformar o que, efetivamente, era irreformável pelo enraizamento e pela acumulação dos desafios ao longo da construção do socialismo. Em segundo lugar, pelo método utilizado, a reforma desde cima, que fazia uso do aparelho, do partido, em suma, dos beneficiados, para acabar com os benefícios. Além disso, desenvolvia-se a tendência privatizante no seio da burocracia partidária que, tendo acesso privilegiado a informações e contatos, poderia se apropriar dos espólios¹⁰. E, finalmente, o desconhecimento da mentalidade das massas que, esgotadas ao longo de décadas de construção do socialismo e aliadas à propaganda e à comparação com o ocidente, desenvolveram valores pró-ocidentais e antissocialistas¹¹. Esse processo representou, ainda que de forma inesperada e imprevista, a última e definitiva morte do socialismo soviético,

⁹Segundo Kagarlitsky (1993, p. 25): “Durante os anos 70, mudanças de rumo parciais na estrutura da sociedade acumularam-se gradualmente, preparando o caminho para a crise que viria a seguir. Ao final dos anos 80, estas mudanças explodiram em cena. Quantidade havia se tornado qualidade”.

¹⁰Como aponta Kagarlitsky (1993, p. 7): “Durante os anos de domínio de Gorbachev, a sociedade soviética encontrava-se em um estado crônico de crise e colapso. Os círculos dominantes não só aprenderam a viver bem felizes em condições de crise como até começaram a extrair benefícios disso, aproveitando-se da ruína do país, sucateando a propriedade nacional em vendas a estrangeiros, saqueando e privatizando todas as coisas viáveis e de valor que ainda restavam”.

¹¹Nesse sentido, Kagarlitsky (1993, p. 15) afirma que “O colapso final do comunismo na União Soviética foi precedido pela rápida disseminação da ideologia liberal dentro da velha casta dominante, pela enumeração das vantagens do capitalismo em publicações oficiais comunistas, pela aguda guinada para a direita de personalidades conhecidas na oposição democrática, que há não muito tempo tinham estado proclamado sua devoção aos valores do socialismo ou que haviam até abraçado posições marxistas”.

ou seja, o esgotamento de sua viabilidade e capacidade de atração. Dessa forma, uma das grandes lições de tal experimento é que:

Uma referência mais concreta, porém de suma importância, diz respeito ao caráter pernicioso da utopia monolítica, sua perspectiva de impor, de prescrever a homogeneidade estrutural, baseada em valores ideológicos e/ou teóricos, para todos os níveis e esferas de uma dada sociedade. As estruturas devem desenvolver-se organicamente, de baixo para cima, da forma mais ampla possível, obedecendo sobretudo a impulsos de auto-sustentação, de acordo com os interesses materiais e sociais da produção. (MAIDANIK, 1998, p. 41).

A esse cenário doméstico, pode-se acrescentar outro elemento, a dinâmica internacional e o conflito intersistêmico. Se até meados do século XX, o cenário internacional era hostil em relação à experiência soviética, o que certamente contribuiu, embora não de forma decisiva, para as opções apontadas anteriormente, a dinâmica do pós-guerra, marcada pela guerra-fria, também nos permite compreender os limites do socialismo soviético e o seu colapso.

Na esfera internacional, como aponta Halliday (1999), a rapidez das mudanças e a ausência de um conflito militar internacional que pudesse explicar o desaparecimento do socialismo soviético e do mundo bipolar nos conduz à análise do *conflito intersistêmico*¹², considerando os custos e o único resultado possível, como o grande responsável por essas mudanças, pois efetivamente interfere nos fatores domésticos. Tal noção de *conflito intersistêmico* se refere a “um conflito específico das relações interestatais, no qual as formas convencionais de rivalidade – militar, política, e econômica – são legitimadas por divergências de normas políticas e sociais” (HALLIDAY, 1999, p.186).

Isso significa que o embate pode ser compreendido em termos de universalidade, ou seja, da disputa entre valores que deveriam organizar toda a sociedade internacional em torno do capitalismo ou do socialismo. Esse conflito não aparece na ideia de equilíbrio de poder ou em outras análises sobre a Guerra Fria, complementando o padrão tradicional de compreensão

¹²Os elementos fundamentais de tal conceito, segundo Halliday, foram: a constatação da heterogeneidade socioeconômica do “Leste” e do “Oeste”, isto é, das sociedades comunistas e capitalistas, enfatizando as diferenças econômicas e políticas dentro de cada Estado, em termos fundamentais e constitutivos que não podiam ser conciliados; a influência determinante das diferenças apontadas anteriormente no desenvolvimento da política externa e das relações internacionais, que nos conduzem aos determinantes domésticos relevantes e nas diferenças entre cada lado; uma dinâmica internacionalista e, na verdade, universalista dentro de cada bloco e sistema, **ou seja**, cada bloco é levado não somente a proteger seu próprio estado e economia e a maximizar sua vantagem no equilíbrio de poder, mas também a dominar o mundo para minar e abolir o sistema alternativo; a ampliação do conflito para múltiplas dimensões, não apenas nas relações interestatais, envolvendo a interação socioeconômica **por meio** de ações de outras entidades que não o estado/governo como os empreendimentos financeiros e industriais e a interação ideológica e do efeito demonstrativo, como ocorreu na relação entre as duas Alemanhas (RDA-RFA); por fim, a heterogeneidade do sistema socioeconômico interno implica em heterogeneidade das relações internacionais, concebidas em termos de objetivos amplos e de mecanismos de internacionalização, o que explica as diferenças entre EUA e URSS no que se refere ao grau de controle político e no equilíbrio relativo de poder econômico e militar na composição da influência americana e soviética (HALLIDAY, 1999, p. 198-201).

das relações internacionais que enfatiza a disputa de poder entre os estados que, apesar de necessário, é insuficiente para o entendimento desse período das relações internacionais.

O desenvolvimento desse tipo específico de conflito internacional se estruturou a partir de três proposições básicas:

a- a rivalidade Leste-Oeste foi um produto do conflito entre dois sistemas sociais distintos; b- esta competição envolve uma dinâmica competitiva e universalizadora; e c- somente poderia ser concluída com um dos blocos prevalecendo sobre o outro. Desta forma, destaca-se que tal ordem teve um caráter específico no sistema internacional, não percebido pelas teorias convencionais, em que a disputa pelo poder passava pela obtenção de uma nova homogeneidade, isto é, o conflito só poderia terminar com o predomínio de um lado e, não por convergência ou compromisso. Enquanto existisse um dos lados a Guerra Fria não poderia terminar. E isto foi relativamente reconhecido pelos dois lados. Do lado soviético, a necessidade de uma revolução mundial, ainda sob Lênin, ou a teoria dos dois campos de Stalin e a da “correlação de forças” de Brejnev. Do lado ocidental, o desenvolvimento da teoria de disputa entre dois mundos, o livre e o comunista, que atingiu políticos e militares (HALLIDAY, 1999, p. 205).

Quando visto dessa forma, também se amplia a explicação sobre as razões efetivas do esgotamento e do colapso da URSS e de seu bloco. Os fatores tradicionalmente apontados (os custos da corrida armamentista, as pressões econômicas e o custo do apoio militar e comercial aos aliados)¹³. Embora importantes, não são suficientes para explicar as razões do colapso do socialismo soviético e devem ser complementados por dois outros elementos, demonstrando o esgotamento da viabilidade e do poder de atração de tal experiência: a perda da crença, primeiro na população e em seguida na própria liderança da superioridade do modelo soviético, e a dinâmica interna do processo de construção do socialismo nesse país.

A esse conjunto de fatores, deve-se agregar o advento de um processo que se torna evidente nos anos da década de 1980, quando atinge a liderança do país que é a perda na crença e na

¹³Nesses casos, seria necessário agregar alguns esclarecimentos, a saber: no que se refere à corrida armamentista, apesar de representar cerca de 25% do PIB soviético (enquanto que o gasto americano representou algo entre 5% a 10%), o peso fundamental desse fator refere-se à eficiência da alocação de tais recursos e aos mecanismos de interlocução com o setor civil, que foram ignorados pela liderança soviética, tornando onerosa a corrida armamentista, mas não a ponto de provocar seu colapso; em relação às pressões econômicas, deve-se considerar que a interação comercial com o mundo capitalista, que se aprofunda a partir dos anos da década de 1960, teve como efeito o fortalecimento do sistema soviético a curto prazo, que pode ser demonstrado pelos altos preços do petróleo, produto exportado a partir da exploração na Sibéria, e pelas importações de trigo que ofuscaram o fracasso na agricultura; porém, a longo prazo os efeitos foram inibidores, já que, como destacamos anteriormente, as mudanças necessárias foram adiadas diante dos benefícios imediatos; e finalmente, em relação ao custo do apoio econômico e militar aos aliados, principalmente do Terceiro Mundo. No entanto, é preciso ressaltar que nesse caso os custos maiores foram no campo diplomático, as transferências seguiam um outro padrão e os soviéticos se beneficiavam de certos produtos, como demonstra o caso cubano (HALLIDAY, 1999, p. 153-163).

capacidade do regime socialista soviético superar, competitivamente, o capitalismo na maioria das áreas e de constituir-se em um modo superior de produção e de organização social e política. Internamente, tal desconfiança em relação à superioridade do regime já havia atingido parcelas significativas da população, principalmente os setores médios, desde o fim da era Kruschov, como aponta Kagarlitsky (1993)¹⁴.

Sendo assim, segundo Halliday (1999), no caso da liderança, o exemplo de Gorbachev parece ser emblemático: bastaram cinco minutos num supermercado canadense de médio porte para a questão ficar clara. Sob essa perspectiva, seus discursos pós-85, ao enfatizarem a comparação com indicadores ocidentais, apontam os limites da sociedade socialista soviética¹⁵.

A ênfase nos limites e nas consequências impostos pelo conflito intersistêmico não invalida a importância da análise dos fatores domésticos, relacionados à natureza e às características do socialismo soviético como o outro lado desse colapso. Com isso, queremos afirmar que o processo de construção do socialismo soviético, com suas particularidades, desafios e dinâmicas nos permitem captar melhor as opções e o destino final dessa experiência. O que sugerimos, portanto, é a combinação dos desafios da política internacional, *o conflito intersistêmico*, que demandaram um esforço para universalizar a experiência socialista com os dilemas da política interna, o cenário doméstico, que envolve os percalços da construção do socialismo que durante muito tempo foi orientado e limitado pela “construção do socialismo em um só país”. Esses, obviamente, combinam-se e nos ajudam a entender as razões e os impactos das mudanças. De qualquer forma, o que se quer destacar é que tal experiência foi perdendo sua viabilidade e seu poder de atração, atingindo todo o ideário socialista, daí a necessidade de reflexão sobre essas experiências e de atualização de tal ideário para torná-lo novamente viável e atraente.

¹⁴Nesse sentido, Hobsbawn aponta: “Mas não foi o confronto hostil com o capitalismo e seu superpoder que solapou o socialismo. Foi mais a combinação entre seus próprios defeitos econômicos, cada vez mais evidentes e paralisantes, e a acelerada invasão da economia socialista pela muito mais dinâmica, avançada e dominante economia capitalista mundial. [...] Quando os líderes soviéticos na década de 1970 preferiram explorar os recursos recém-disponíveis do mercado mundial (preços de petróleo, empréstimos fáceis, ...) em vez de enfrentar o difícil problema de reformar seu sistema, cavaram suas próprias covas. O paradoxo da Guerra Fria é que o que derrotou e acabou despedaçando a URSS não foi o confronto, mas a detente” (HOBBS-BAWN, 1995, p. 247-248)

¹⁵Segundo Kagalitsky, “No início dos anos 80, o Estado soviético, segundo uma comparação perspicaz de Bulat Okudzhava, fazia lembrar o Império Romano na era de seu colapso. A crise de controle desmoralizou os círculos dominantes e minou a fé na viabilidade do sistema ainda mais do que a redução do crescimento da economia e a crescente insatisfação do povo” (KAGARLITSKY, 1993, p. 44).

O SOCIALISMO DO SÉCULO XXI: O PASSADO COMO FUTURO OU UM FUTURO A CONQUISTAR?

Como aponta Borón (2011), é preciso distinguir os aspectos relativos à historicidade do projeto socialista em relação aos valores imanentes que esse comporta. O socialismo soviético representou o modelo de socialismo do século, dessa forma, a compreensão das causas de seu esgotamento é fundamental para qualquer tentativa de atualização do socialismo. Seu esgotamento afetou o projeto socialista (ou modelo), mas não se pode deduzir disso que os valores os quais o inspiraram desapareceram por completo ou que um socialismo renovado (de fato) não possa emergir.

A experiência socialista, apesar da derrota, foi fundamental para o desenvolvimento histórico. Dessa forma, não poderemos deixar de reconhecer que mudaram a face das realidades dentro das quais tomaram forma mundial. Dentre os avanços podemos apontar: o desenvolvimento dessas sociedades que eram subdesenvolvidas (URSS, Cuba, China etc.), mesmo a um custo elevado; a atuação no sistema internacional com uma contribuição fundamental para o processo de derrota do nazismo (cujos maiores custos ficaram com a URSS) e presentes no processo de descolonização da África e da Ásia nos anos da década de 1950 e de 1960; a contribuição, indireta, ao processo de organização do Welfare State e a consolidação dos direitos sociais em resposta ao fantasma da revolução e, paradoxalmente, para a consolidação da democracia e do pluralismo nos países desenvolvidos; e, finalmente, o relativo desenvolvimento educacional, cultural e de indicadores sociais dos países onde se materializou. No entanto, apesar disso, é imprescindível um balanço que aponte as razões profundas de seu fracasso, como afirma Miliband:

Que lições, então, tem a experiência comunista a oferecer para os socialistas do Ocidente? [...] Pode, no mínimo, ressaltar o que *não deve ser feito*- por exemplo, no tocante ao planejamento e a organização da vida econômica. As lições realmente importantes da experiência comunista a serem aprendidas pelos socialistas não pertencem, no entanto, ao reino das técnicas: a mais importante dessas lições diz respeito ao tema da democracia. (MILIBAND, 1993, p. 27).

A reflexão sobre o socialismo soviético, em primeiro lugar, deve nos conduzir a uma reflexão profunda sobre os pressupostos marxistas, ou pelo menos, sobre as interpretações mais conhecidas. Tal reflexão deve considerar a necessidade do debate teórico para a atualização, reconhecendo que o marxismo foi produto da modernidade europeia (ocidental) com a qual compartilhou inúmeros equívocos. Embora mantendo os princípios fundamentais das ideias de Marx, a referida reflexão deve procurar redefinir e atualizar as concepções relativas, entre

outras, às noções de teleologia da História, da Revolução, do sujeito revolucionário, do Estado, da construção do socialismo, da organização econômica e política no socialismo, incorporando os novos temas da sociedade contemporânea (meio ambiente, gênero, multiculturalismo, democracia etc.) tal como aparecem nas reflexões de Borón, Amadeo e González (2006), Harnecker (2000), Heredia (1992), Vásquez (2010), Gorender (1999), Borón (2010), Blackburn (1993), Sader (2001) e Boito Jr et al (2000), entre outros.

Além do debate sobre os pressupostos e a atualidade do corpo teórico do marxismo, a experiência soviética nos conduz a dois aspectos fundamentais na economia e na política que contribuíram para a perda de sua atratividade e viabilidade. Nesse sentido, concordamos com Sader ao apontar que:

Seu esgotamento se deu tanto pela falta de democracia e de participação política dos trabalhadores, como pela falta de dinamismo econômico, que os relegou a não superar os ritmos de desenvolvimento econômico do capitalismo, como a depender das economias capitalistas, de forma subordinada. (SADER, 2009, extraído da internet).

Em suma, como emerge na citação anterior de Miliband e nessa de Sader, foram os aspectos relativos ao desenvolvimento econômico e ao bem-estar (econômicos, portanto) e à democracia e participação política (políticos, portanto) que devem servir para o balanço do socialismo do século XX.

Nesse sentido, o fracasso soviético está diretamente ligado aos problemas e às limitações econômicas de tal modelo que foram se tornando evidentes com o passar do tempo. A nacionalização dos meios de produção foi compreendida, pura e simplesmente, como estatização, o que alienou a possibilidade da sociedade efetivamente controlar e distribuir a riqueza. A centralização econômica, fundamentada no planejamento centralizado, e no caso soviético na retribuição material do trabalho, ao invés de contribuir para o desenvolvimento material e a consciência social, geraram escassez de mercadorias, dificuldade de desenvolvimento, descompromisso com o trabalho, ou seja, dificultaram o desenvolvimento econômico em longo prazo, a incorporação de novas tecnologias e a capacidade de iniciativa, criatividade e inovação dos indivíduos. Economicamente, as bases do socialismo soviético não se mostraram tão dinâmicas e nem foram capazes de gerar maior riqueza do que o capitalismo (enfatizamos geração, não distribuição de riqueza). Pouco a pouco, o poder de atração e a viabilidade material, pelo menos temporária, do capitalismo predominou. Como aponta Blackburn:

A falha básica das economias de tipo soviético, ao que parece, reside na imperfeição dos vínculos entre as decisões microeconômicas e decisões

macroeconômicas- ou para dizer o mesmo em outras palavras, na inexistência de um sistema equilibrado para determinar o tempo socialmente necessário de dedicação ao trabalho. [...] Um dos problemas básicos a resolver é o desenvolvimento da microeconomia socialista- a criação de mecanismos que levem as empresas a avaliar de modo pleno e adequado à necessidade social e os custos sociais, em vez de se comportarem de modo egoísta e estreito. (BLACKBURN, 1993, p. 169-170).

Aos problemas da economia socializada estavam associados a democracia política e social. Quanto à esfera política, tal experiência demonstrou-se ainda mais limitada. Em relação à promessa de aprofundamento da democracia, surgiram regimes autoritários e em se tratando da ditadura do proletariado, essa foi substituída pela ditadura do partido (ou da burocracia). Dessa forma, o exercício do poder mostrou-se ilimitado. Mesmo a pretensa extinção do Estado, pareceu mais distante como Estado onipresente dessas sociedades. Ademais, a institucionalidade socialista dependeu, em grande medida, da presença de lideranças fortes, sem limites (ou com limites muito tênues) para o exercício do poder sem a construção de regras e de instituições abertas a demandas populares e a participação política efetiva, tema caro ao pensamento político em todas as épocas e que não pode ser ignorado. A pluralidade e a diversidade (política e social) foram ignoradas ou tiveram um espaço limitado para se manifestar. Os mecanismos de controle, por parte da população, do exercício de poder mostraram-se frágeis para o exercício de uma democracia participativa¹⁶ quanto à participação política, a qual foi substituída pela cooptação, impedindo o desenvolvimento de cidadãos críticos e participativos, o que implicou no domínio burocrático. A crítica ao liberalismo, não permitiu a compreensão da importância de certos direitos como garantia para a consolidação de uma sociedade livre e autônoma. Nesse sentido, é ilustrativa a análise de Miliband (1993, p. 32):

Isso não quer dizer que os controles e equilíbrios do poder sejam particularmente efetivos nos regimes capitalistas democráticos, ou mesmo que sirvam necessariamente a objetivos desejáveis. Serve apenas para argumentar que o controle do poder Executivo, administrativo e de policiamento- na verdade, todas as formas de poder- é parte intrínseca da democracia social. Tal política não pode acarretar a rejeição sumária dos princípios liberais tradicionais na direção do governo, mas sim sua extensão radical, muito além dos limites jamais imaginados por pensadores liberais. [...] A democracia socialista, nessa percepção, é um sistema de 'poder dualista' em que o poder estatal e o poder popular se complementam mas também se controlam.

¹⁶Como afirma Maidanik, entre outros: "A da importância da democracia: sem democracia política, sem participação real das pessoas, pode-se dar, sem dúvida, o desenvolvimento alternativo. Mas nunca um desenvolvimento que leve ao socialismo, com um sentido de solidariedade e justiça social" (MAIDANIK, 1998, p. 41).

Esses, e outros elementos, relacionam-se à necessidade de rever e de atualizar, de forma crítica e comprometida, os princípios do socialismo, ligados fundamentalmente a emancipação plena e a possibilidade de evitar a mercantilização da vida social. Nesse sentido, pode-se compreender os traços gerais apontados por Borón (2010) referentes ao que o socialismo deste novo século não deve ser ou repetir: não pode ser compreendido como estatistismo; não é populismo, compreendido como culto ao líder e ao desenvolvimento de atitudes passivas e não participativas; não pode ser totalitário; não pode ser culto da tecnologia e do produtivismo; e finalmente, deve manter a disposição de lutar contra a lógica do capital, mercantilizando o conjunto da vida social (BORÓN, 2010, p. 98-103).

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou analisar as experiências socialistas do século XX. Para tanto, procurou demonstrar um balanço profundo e equilibrado dessas, demonstrando seus avanços e acertos, mas, principalmente, seus erros e equívocos. Tal balanço partiu da constatação de que o socialismo (enquanto ideário político) perdeu, com o passar dos anos, seu poder de atração e de viabilidade, devido ao desenvolvimento das experiências do socialismo real, no formato soviético.

Mesmo considerando o peso da tradição e a história russa como também o contexto internacional extremamente desfavorável, e às vezes agressivo, apontamos que os limites fundamentais estiveram relacionados às opções e à aplicação equivocada dos princípios marxistas. Tendo em vista isso, procuramos ressaltar que, dentre os elementos fundamentais que necessitam ser revistos e revigorados, estão aqueles relativos à organização econômica e política. No primeiro caso, é preciso repensar os efeitos da estatização e do planejamento centralizado, bem como as formas de gestão econômica, e incorporar novas temáticas como a preocupação ambiental. Na esfera política, é necessário instaurar uma democracia participativa, de fato, e repensar a institucionalidade estatal, de forma a controlar o exercício do poder e evitar o autoritarismo e a longevidade de lideranças.

De qualquer forma, esse balanço aponta que os valores que o ideal socialista representa (igualdade, emancipação, democracia participativa e plena desmercantilização, entre outros) continuam fundamentais. A questão fundamental é como traduzi-los na prática política e como construir um projeto atraente e viável.

REFERÊNCIAS

- BLACKBURN, R. **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- BOBBIO, N. **Teoria Geral da Política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BOITO JR, A. et al. **A obra teórica de Marx**: atualidade, problemas e interpretações. São Paulo: Xamã, 2000.
- BORÓN, A. **O socialismo do século XXI**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- BORÓN, A.; AMADEO, J.; GONZÁLES, S. **A teoria marxista hoje**: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2006.
- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.
- CARNOY, M. **Estado e Teoria Política Moderna**. Campinas: Papyrus, 1986.
- FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GORENDER, Jacob. **Marxismo sem Utopia**. São Paulo: Ática, 1999.
- GRAMSCI, A. **Antologia**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2010.
- HADDAD, F. **O sistema soviético**: relato de uma polêmica. São Paulo: Página Aberta, 1992.
- HALLIDAY, F. **Repensando as relações Internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- HARNECKER, Marta. **Tornar possível o impossível**: a esquerda no limiar do século XXI. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HEREDIA, Fernando Martinez. **El Che y el socialismo**. Buenos Aires: Dialectica, 1992. 170 p.
- HOBSBAWN, Eric. **História do Marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN, R. **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- _____. **A Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KAGARLITSKY, Boris. **A desintegração do monólito**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- MAIDANIK, K. Depois de Outubro, e agora? Ou As três mortes da Revolução Russa. **Tempo**, UFE, v. 3, n. 5, jul. 1998.

MILIBAND, R. Reflexões sobre a crise dos regimes comunistas. In: BLACKBURN, R. **Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

REIS FILHO, D. A. **Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético**. São Paulo: FPA, 1997.

SADER, Emir. **Cuba: um socialismo em construção**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Socialismo no século XX. **Carta Maior**, 19 de novembro de 2009. Blog do Emir. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=376>. Acesso em: 5 maio 2012.

SCHLESENER, A. H. **Hegemonia e Cultura: Gramsci**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

SROUR, R. H. **Classes, Regimes, Ideologias**. São Paulo: Ática, 1987.

TROTSKY, L. **A revolução traída**. São Paulo: Global Editora, 1980a.

_____. **A história da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

VÁZQUEZ, A. S. **O valor do socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.